

## O USO EM LONGO PRAZO DO METILFENIDATO: CONSEQUÊNCIAS PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL E INTERVENÇÕES DA PSICOLOGIA ESCOLAR

Larissa Andrade Beltrame (PIBIC/FA), Rosana Aparecida Albuquerque Bonadio (Orientadora), Adriana de Fátima Franco (Co-orientadora) e-mail: Larissa.abeltrame@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas Letras e Artes /Maringá, PR.

**Psicologia- Psicologia do ensino e da aprendizagem**

**Palavras-chave:** Efeitos colaterais, Metilfenidato, Psicologia Histórico-Cultural

### Resumo:

Atualmente nota-se que o TDAH é o diagnóstico mais proferido quando se trata de questões escolares, sendo este usado como uma justificativa para explicar o fracasso escolar. Especificamente no Brasil, a ANVISA (2012) informa que cerca de 0,9% a 26,8% de crianças estão sendo diagnosticadas com esse transtorno, sendo o país o segundo maior consumidor do fármaco indicado para o tratamento, o metilfenidato. Nessa perspectiva entende-se que a compreensão do fracasso escolar está atrelada a uma concepção biologista de desenvolvimento, o que implica em responsabilizar o aluno pela não aprendizagem, uma vez que seu organismo possui uma falha de caráter natural. Dessa maneira, as questões de origem social e política são reduzidas em questões médicas, desencadeando o fenômeno da medicalização. Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo discutir o fenômeno da medicalização da infância, reconhecendo, por meio de revisão bibliográfica, quais as possíveis implicações sobre o uso em longo prazo do Metilfenidato em crianças em idade escolar. Além disso, apresentar-se-á um projeto de extensão oferecido pelo curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá como alternativa de intervenção as crianças com dificuldades de escolarização e diagnósticos de TDAH, sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural.

### Introdução

Atualmente, observa-se que o discurso médico permeia nossas relações e a forma como pensamos o mundo, mais especificamente, como pensamos os fenômenos psicológicos. Assim, aspectos do psiquismo humano são levados às clínicas médicas, como por exemplo, a psiquiatria, buscando uma solução rápida e imediata, patologizando ações que também são influenciadas pelo contexto que o sujeito está inserido. Nessa lógica, o processo de biologização da infância se evidencia ao observarmos um índice elevado de crianças diagnosticadas com o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade-TDAH. De acordo com dados da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA, 2012), cerca de 8% a 12% de crianças no mundo são diagnosticadas com esse transtorno, sendo que no Brasil, os números costumam ter uma diferença discrepante entre 0,9% a 26,8%. Sobre o uso do

metilfenidato, medicamento prescrito para o tratamento do TDAH, no país, segundo dados do Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados (SNGPC), estima-se que de 2009 para 2011, a estimativa percentual de aumento real no consumo médio mensal de metilfenidato no País foi de 28,2%, sendo que em 2011 foram vendidas 1.212.850 caixas do medicamento, colocando o país na posição de segundo maior líder do mundo na prescrição deste fármaco. Esses dados indicam que um número abusivo de crianças faz uso regular do metilfenidato, comercialmente vendido como Ritalina® ou Concerta®, drogas recomendadas para o tratamento do TDAH, que estimulam o sistema nervoso central a produzir neurotransmissores responsáveis por melhorar o desempenho da memória e atenção. A partir disso, investigamos se haviam estudos que destacavam quais os possíveis efeitos colaterais do uso do metilfenidato em longo prazo, compreendendo que a maioria das crianças diagnosticadas com TDAH faz uso desse medicamento. Porém, encontramos poucos textos científicos com um viés crítico a respeito do uso do medicamento, que associavam na maioria das vezes, os possíveis efeitos colaterais à comorbidades do próprio TDAH. Nesse sentido, preocupadas em também assinalar as intervenções da Psicologia escolar, como meio para resistir a medicalização das queixas escolares, expomos as atividades realizadas durante o período de 11/04/2017 a 02/06/2018 em grupo no projeto de extensão intitulado de “Atendimento Psicoeducacional a crianças com problemas de escolarização e TDAH” da Universidade Estadual de Maringá, desenvolvido pela Psicologia Escolar.

## Materiais e métodos

Foram realizadas pesquisas de revisão bibliográfica e busca nas bases de dados Lilacs e Medline Medline a fim de identificar os efeitos a longo prazo do metilfenidato utilizando as palavras-chave “metilfenidato” em combinação com “efeitos colaterais”, “consequências”, “efeitos adversos” e “TDAH”. Posteriormente foram elaborados os fichamentos e as análises a partir do referencial teórico da Psicologia Histórico-Cultural a partir dos autores clássicos, como Vigotski, Luria e Leontiev e alguns autores contemporâneos. Além disso, após a aprovação do comitê de ética em 26 de outubro de 2018, iniciamos as análises dos relatórios dos encontros do grupo de atendimento psicoeducacional, realizado no período de 11/04/2017 a 02/06/2018.

## Resultados e Discussão

A fim de identificar os possíveis efeitos colaterais do uso em longo prazo do metilfenidato, foi necessária a leitura de artigos e dissertações críticas sobre o uso do medicamento, no entanto, expomos de antemão a dificuldade em encontrar tais estudos com viés questionador, isso porque a maioria das pesquisas ou são financiadas pela indústria farmacêutica ou são guiadas a partir de um referencial teórico organicista. Obtivemos, portanto, um total de 13 textos, 11 artigos científicos, 1 dissertação e 1 tese, a partir das palavras-chave “metilfenidato” em combinação com “efeitos colaterais”, “consequências”, “efeitos adversos” e “TDAH”. Foram lidos todos os artigos, a dissertação e o resumo da tese, sendo possível apontar que seis estudos tinham como metodologia ensaios clínicos, com períodos de alguns meses, quatro referiam-se a revisão bibliográfica, e três ainda de cunho teórico,

problematizando a respeito da medicalização da infância. Ressaltamos ainda que nenhum dos trabalhos apresentou estudos longitudinais, limitando nossas análises em reconhecer os danos do uso do medicamento. De maneira geral, os estudos apontam que em curto prazo, os principais efeitos podem ser: diminuição do apetite, insônia, dor abdominal, cefaleia, náuseas e a longo prazo temos: dependência, efeitos cardiovasculares e possível redução da estatura (ANDRADE; SCHEUER, 2004; PASTURA; MATTOS, 2004). Também foram evidenciados outros efeitos como ansiedade, “olhar parado”, tristeza e desinteresse (PASTURA; MATTOS, 2004). No entanto, notamos que essas pesquisas delegavam ao transtorno as consequências negativas, isto é, relacionavam, por exemplo, a ansiedade como um traço típico de quem é diagnosticado com o transtorno, como afirmam Pastura; Mattos (2004, p. 102) “[...] sintomas comumente descritos como sendo causados pelo fármaco podem na verdade ser atribuídos a doença”. Essa contraditoriedade é apenas uma das muitas encontradas quando pesquisamos sobre os efeitos colaterais do metilfenidato, demonstrando a necessidade de mais estudos clínicos que investiguem o medicamento. Assim, o que está em xeque é a doença e o sujeito, isto é, os efeitos, como insônia, irritabilidade, olhar parado, cefaleia, náuseas (ANDRADE; SCHEUER, 2004; PASTURA; MATTOS, 2004) estão relacionadas ao transtorno ao invés do medicamento, por isso a dificuldade em encontrar estudos que evidenciem os efeitos adversos. Esse movimento de culpabilização do sujeito está sendo pautado pela lógica organicista, assim, só nos resta olhar para o medicamento como cura e não como causador da doença. Ao abrirmos a caixa de Pandora acabamos, intencionalmente, revelando vastas reações adversas do metilfenidato, com o objetivo de alertar pais e professores sobre as possíveis consequências do uso a longo prazo do medicamento. Contribuímos ainda para a compreensão de que o medicamento está longe de ser uma solução aos problemas escolares, isso porque a discussão a respeito das dificuldades de aprendizado não se extingue nas limitações dos sujeitos, mas sim em meios para superá-las. Por compreendermos que a medicação não irá resultar no desenvolvimento das funções psíquicas superiores, mas sim a aprendizagem escolar, apresentamos as atividades realizadas em um projeto de extensão da Universidade Estadual de Maringá - UEM que visa oferecer atendimento psicoeducacional a crianças com problemas de escolarização e TDAH. O projeto é realizado pela área de Psicologia Escolar da Unidade de Psicologia Aplicada- UPA e utiliza dos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural para realizar as intervenções com as crianças, encaminhadas pelas escolas e neuropediatras. Para a formação do grupo, no ano de 2017, foram selecionadas onze crianças entre seis e doze anos, todas faziam ou fizeram uso do metilfenidato. No período entre 2017 e 2018, buscamos promover o desenvolvimento das funções psíquicas superiores e compreender quais eram as dificuldades e potencialidades das crianças. Dividimos as intervenções em quatro grandes blocos: formação do grupo, leitura e escrita, conceitos matemáticos e temas relacionados às vivências das crianças (bullying, relações familiar e escolar). As atividades desenvolvidas em cada bloco foram elaboradas e aplicadas pelos estagiários de psicologia selecionados para o projeto, juntamente com o psicólogo escolar da UPA, supervisionados pela coordenadora do projeto. Em suma, os blocos tiveram como aporte teórico as obras de Vigotski, Luria e Leontiev e contaram com discussões sobre afeto e cognição, fundamentais ao processo de ensino e

aprendizagem. Por meio das atividades desenvolvidas foi possível identificar as potencialidades de cada criança, focando não apenas em suas dificuldades, mas também promovendo meios para superá-las. Durante os encontros foram estabelecidos vínculos com os participantes, promovendo sentido para as atividades executadas. Ficou claro que, a partir do momento em que a criança compreende o motivo pelo qual é importante executar determinada atividade e/ou aprender novos conteúdos, a tarefa passa a ter sentido, e a aprendizagem é ressignificada. Se antes as crianças tinham dificuldades na leitura, ao final do ano, a leitura já era fluída e sem erros, e mesmo que estes ocorressem eram capazes de identificá-los, corrigindo-os em seguida. Além disso, o estabelecimento de vínculo possibilitou que as crianças relatassem vivências, tanto escolares quanto familiares, o que nos auxiliava enquanto estagiários, para que preparássemos os encontros voltados às suas dificuldades a fim de superá-las. As crianças participantes do projeto também perceberam seu desenvolvimento quando, ao final do ano, apresentamos todas as atividades realizadas, e surpresos, responderam que não imaginavam que tinham estudado e aprendido tanto.

## Conclusões

Concluimos que apesar de ainda faltar pesquisas e estudos que visem identificar os efeitos a longo prazo do metilfenidato a partir de um viés crítico, a medicalização das questões escolares pode e deve ser enfrentada. Para tanto, iniciativas da Psicologia escolar, como a que foi proposta merecem ser cada vez mais divulgadas nos meios escolares, promovendo uma atuação crítica do Psicólogo, uma vez que tais intervenções substituem o medicamento, promovendo a aprendizagem escolar e consequentemente o desenvolvimento psíquico.

## Agradecimentos

Às orientadoras Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosana Aparecida Albuquerque Bonadio e Prof.<sup>a</sup> Dra. Adriana Fátima Franco, pela dedicação e correção dessa pesquisa. À fundação Araucária pelo apoio financeiro por meio da bolsa de iniciação científica.

## Referências

ANDRADE, E. R; SCHEUER, C. Análise da eficácia do Metilfenidato usando a versão abreviada do questionário de Connors em Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade. **Arq Neuropsiquiatria** 2004;62(1):81-85

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Boletim de farmacoepidemiologia 2012. Disponível em: <[http://www.anvisa.gov.br/sngpc/boletins/2012/boletim\\_sngpc\\_2\\_2012\\_corrigido\\_2.pdf](http://www.anvisa.gov.br/sngpc/boletins/2012/boletim_sngpc_2_2012_corrigido_2.pdf)>

PASTURA. G.; MATTOS, P. Efeitos colaterais do Metilfenidato. **Rev. Psiq. Clín.** 31 (2);100-104, 2004.